

MANOEL BOMFIM: “ENSAIANDO” A MESTIÇAGEM EM AMÉRICA LATINA

Michele Nascimento Kettner¹

“Somos um povo cruzado, e povos cruzados serão sempre aquilo em que se fizeram: expressão de misturas combinadas.”
Bomfim, *O Brasil na América*.

Ao tomar em conta os conceitos de hibridismo e mestiçagem que se desenvolveram no século XIX e princípios do século XX, Manoel Bomfim ocupa um lugar de precursor e pioneiro de algumas ideias que se tornariam lugares-comuns nos dias atuais. Nascido em Sergipe e tendo cursado medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, Bomfim proporcionou em sua obra ensaística uma revisão historiográfica usando a metáfora do conceito do parasitismo social e refutando a ideia de inferioridade das raças.

Ao analisar as bases teóricas contemporâneas de hibridismo, percebe-se que as ideias de Bomfim estavam bem além do seu tempo por questionar as atribuições de características negativas inatas dadas pelos representantes do cientificismo ao ser “mestiço”. No século XIX, quando estavam em voga as teorias positivistas e darwinistas sobre raça e o determinismo geográfico, Bomfim falava de mestiçagem na América Latina de uma perspectiva positiva com o intuito de confrontar uma dominação “branca”, representada pela Europa e pelos Estados Unidos.

Os teóricos atuais, entre eles a antropóloga peruana Marisol de La Cadena, rejeitam a visão de mestiçagem como um conceito racial, ideia que foi finalmente cristalizada no século XIX. Para Marisol de La Cadena, a questão do hibridismo seria não um problema meramente de âmbito biológico, mas sim epistemológico. Segundo a autora, o conceito de hibridismo deve ser explorado através de investigações sobre as misturas de fé e ciência, duas maneiras do saber, para esclarecer as práticas raciais. Assim define sua teoria sobre hibridismo:

¹ Ph.D. Candidate Adjunct Lecturer of Spanish and Portuguese. Montclair University and Baruch College. Dept. of Hispanic and Luso-Brazilian Literatures & Languages. The Graduate Center – City University of New York.

(...) mestizos cannot be contained by the notion of *empirical hybrids*, a plain result of the biological or cultural ‘mixture’ of two (formerly discrete) entities. Rather, they evoke complex *conceptual hybridity* epistemologically inscribed in the notion mestizo itself (LA CADENA, 2005).

As categorias de identidades ou outras maneiras de classificar um indivíduo não devem ser baseadas puramente na análise do fenótipo isolada de informações adicionais. De La Cadena comprova, em seus estudos, que recorrem aos tempos coloniais, que a mestiçagem nem sempre foi preterida e que não refletia, necessariamente, um caráter racial². Assim a teórica peruana desmonta teorias biológicas e chama a atenção para a etimologia da palavra “mestiço”, vinda do latim *mecere* (mexer, agitar), para afirmar o “mestiço” como aquele que mexe com o panorama social e se constitui um desafio para a categorização. Bomfim não dispensará a categorização, porém, começa a discutir a ideia de autoridade, no sentido de autoria e de poder, do sistema classificatório vigente em sua época. Um tema que ainda se perpetua na atualidade do panorama social brasileiro, a difícil classificação do “ser brasileiro” foi criada na época de Bomfim dentro de um aparato discursivo estrangeiro. A intelectualidade brasileira ilustrada pelas ideias europeias e inspirada no desenvolvimento dos Estados Unidos voltava os olhos para o “centro do mundo” em busca de respostas para os problemas nacionais³. Com ideias de cientistas europeus, as nações incipientes latino-americanas do século XIX sofreram a intervenção nominativa do estrangeiro, ávido por manter seu poder, construindo uma qualificação baseada na mestiçagem⁴.

² Segundo De La Cadena, a nomeação de mestiço em outros tempos poderia se referir somente a uma mudança de status. Por exemplo, um indígena transgressor das fronteiras de castas também poderia ser considerado um mestiço. A autora relativiza o conceito de raça onde fatores como ancestralidade, ocupação, lugar de nascimento também devem ser considerados no processo categorizador.

³ Joaquim Nabuco usou a expressão “centro do mundo” para se referir a Europa. O pernambucano representa bem a classe letrada brasileira do século XIX com suas ideias de conhecimento que irradiava de um epicentro europeu, lugar originário dessa elite que estabelecia uma continuidade entre Brasil e Europa de uma perspectiva positiva. Bomfim, ainda que trabalhe com o conceito de continuidade, baseia esta continuidade numa influência negativa.

⁴ É preciso tomar em conta os estudos reunidos por Sarah Castro-Klarén e John Chasteen a respeito da construção das “comunidades imaginadas” da América Latina. Revendo os estudos de Benedict Anderson, o livro *Beyond Imagined Communities*, com o auxílio da visão dos historiadores, tenta afirmar que, ao contrário do que pensou Anderson, as nações

O mestiço, por ocupar um espaço intermediário de difícil classificação, pôde ser usado tanto para discursos e representações de positividade, como de negatividade. Segundo Marilyn Miller, o “mestiço” era considerado um tipo racial alternativamente positivo ou negativo e adiciona:

(...) the mestizo was frequently converted into an essential racial type who possessed specific traits that were alternately positive or negative, thus casting him and his counterparts (the mestiza, the mulatto, the mulatta, etc.) as either villains or heroes in the drama of identity (MILLER, 2004, p. 21).

Miller denuncia que a ideia de mestiçagem, como uma categoria de significado, foi vista como um determinante “racial” imprescindível para analisar o caráter do latino-americano. Os discursos sobre mestiçagem sempre se estruturaram dentro de forma polarizada e, como Young afirma, circulam em um eixo de aversão ou desejo equivalente à propensão à mistura dentro de diferentes culturas⁵. Este caráter híbrido dos discursos sobre mestiçagem está intimamente relacionado às intenções do interlocutor à construção do discurso do Novo Mundo. Em analogia com o conceito de texto híbrido de Bakhtin, o ser mestiço pode ser percebido como um texto “grávido” de significados potenciais⁶. Estes significados potenciais são urdidos em discursos que dependem muito da posição de quem os lê e escreve. Sendo assim, o processo de nomeação do rebento miscigenado frágil e incipiente, portanto, foi lido, construído e batizado em esferas posi-

latino-americanas construíram sua consciência nacional no período pós-revolucionário. Por isso, é importante observar como na América Latina, palco complexo de ideias estrangeiras e nacionais, estas ideias eram negociadas no período pós-revolucionário de construção da nacionalidade.

⁵ Roberto Young relaciona as teorias e o funcionamento de cada sociedade afirmando: “De este entramado de diferentes posturas teóricas, las razas y su interrelación circulan alrededor de un ambivalente eje de deseo y aversión: por un lado, una estructura de atracción, donde pueblos y culturas se entremezcla y fusionan, transformándose como resultado, y, por otra parte, una estructura de repulsa, donde los diferentes elementos mantienen su identidad y se oponen a los demás de manera dialogística.” (37)

⁶ Eis a definição de hibridismo de Bakhtin: “It is a mixture of two social languages within the limits of a single utterance, an encounter, within the arena or an utterance, between two different linguistic consciousnesses, separated from one another by an epoch, by social differentiation or by some other factor” (BAKHTIN, 1981, p. 358), Segundo Marilyn Miller, vários teóricos da América Latina se interessaram por esta definição, principalmente o que concernia ao “other factor” ainda passível de preenchimento e análise sob uma perspectiva antropológica e sociológica.

tivas ou negativas de acordo com o agente interlocutor e a conjuntura do texto sócio-histórico.

De fato, no século XIX, dentro das ideias sobre mestiçagem, Young acredita na predominância da “tese da degeneração das raças mistas”. Essa tese consiste em dizer que há tipos diferentes de hibridismo: entre espécies “próximas” e “distantes”. A mestiçagem entre “raças distantes” produziria uma massa estéril, degenerada das originais (segundo as ideias de teóricos como Gobineu, Agassiz, Vogt)⁷. Essa tese tentava justificar a mestiçagem ocorrida na Europa nórdica em oposição à mestiçagem entre “raças distantes” ocorridas na América Latina. Porém, mesmo no panorama das miscigenações ocorridas no Novo Mundo, esta tese não é pertinente. A raça “pura” branca talvez recebesse um *status* positivo, porém a raça “pura” africana e indígena não pareciam receber maior *status* que a “raça impura mestiça”. Destarte a ideia de purismo racial que esses teóricos pregam não se sustenta, pois, como observa Joshua Lund, o mestiço nas sociedades latino-americanas era visto como pertencente ao um nível “superior” com relação aos negros “puros”⁸.

Manoel Bomfim consegue perceber que a utilização destas ideias negativas de mestiçagem não está associada a caracteres negativos e inatos das raças mistas, mas sim com a vontade de dominação das nações ditas “superiores”. Em 1903, começa a escrever e, em 1905, publica *América Latina: males de origem*, fruto de sua estada em Paris. Em Paris, Bomfim conheceu as obras de Waitz, Martin de Moussy e Quatrefages, entre outros, que muito o auxiliaram na refutação do racismo científico que dominava o pensamento social brasileiro na virada do século. É neste livro que se atribui as grandes ideias do sergipano sobre a questão da mestiçagem, indo de encontro a teó-

⁷ Young afirma que a sociologia de Spencer falava que sociedades híbridas estavam relegadas a degeneração, no entanto, Spencer dizia que se o hibridismo se desse entre variedades humanas quase ‘análogas’, estas sociedades poderiam assumir estruturas estáveis.(37)

⁸ Joshua Lund esclarece como se deu este processo na América Latina relacionando-o com a ideia de Deleuze e Guattari sobre miscigenação: “...Deleuze and Félix Guattari put it quite succinctly when they declare that “bastard and mixed-blood are true names of race,” positing that race only emerges as “the impurity conferred upon [a minority group] by a system of domination...However, many of the nation-states that constitute Latin America alter Deleuze and Guattari’s statement on impurity. As pueblos mestizos, the “mixed-blood” figure, as we saw earlier, is reconverted into the normative embodiment of the nation, with the objectified “pure” other %*el indio*, %*el negro* % occupying the space of immediate or potential scandal: the “pure” becomes stagnant or even degenerate, to be uplifted through its contamination by the other.”(132)

ricos como Louis Agassiz, Arthur de Gobineu, Gustave Le Bon e George Vacher de Lapouge, assumidas na época. Como exemplo da refutação direta a estes teóricos, pode-se observar a crítica irônica a Agassiz e, por esse viés, à maneira como esses autores procuram mediante de uma teoria poligenista afirmar o atraso dos países latino-americanos. Bomfim assim se refere à estada de Agassiz no Brasil:

É horrível o que o naturalista da “imutabilidade das espécies” observou dos mulatos e mestiços brasileiros; certamente estas coisas ele as viu como viu, por aqui, *os traços do período glaciário*... Não há razão para que nos impressionemos com os conceitos do sábio reacionário; ele andava por estes mundos com o propósito determinado de achar provas de que foi o Padre Eterno quem fez, bem separadamente, em momentos diferentes, cada uma das espécies existentes... e sustentava que não há nenhum parentesco entre as raças (BOMFIM, 2000, p. 116).

Manoel Bomfim denuncia diretamente o caráter pseudocientífico dessas teorias que se baseiam em teses pré-determinadas por pensadores europeus, mas sem provas empíricas concretas:

Não há na história da América Latina um só fato, provando que os mestiços houvessem degenerado de caráter, relativamente às qualidades essenciais das raças progenitoras. Os defeitos e virtudes que possuem vêm da herança que sobre eles pesa, da educação recebida, e da adaptação às condições de vida que lhes são oferecidas (BOMFIM, 2000, p. 119).

Dessa forma, Manoel Bomfim descarta a mestiçagem de caráter degenerativo e estabelece uma perspectiva sociológica aos problemas latino-americanos. Agindo como o intelectual, no sentido gramsciano, Bomfim foi de encontro ao “sentido comum” da época que consistia em associar as ideias de atraso econômico-social à mestiçagem. Em verdade, Bomfim tinha uma genuína repulsa aos positivistas que, no Brasil, dominavam o cenário cultural e político. Na *belle époque* do Rio de Janeiro os seguidores de Comte no Brasil apoiaram medidas que não lidavam com as questões fundamentais e os problemas socioeconômicos do país⁹. Bomfim resolve escrever o livro *América Latina* para provar que tais teorias europeias

⁹Durante princípios do século XX, por influência da teoria dos miasmas, o Rio de Janeiro passou por um grande projeto de modernização e saneamento. O presidente de então, Rodrigues Alves, deu carta branca ao médico Oswald Cruz e ao prefeito do Rio, Pereira

defendidas arduamente pelos positivistas tropicais não passavam “de um sofisma abjeto do egoísmo humano, hipocritamente mascarado de ciência barata, e covardemente aplicado à exploração dos fracos pelos fortes”¹⁰.

Bomfim argumenta no livro que o atraso das nações latino-americanas está relacionado não ao caráter mestiço dos povos, mas sim à herança colonial parasitária dos países dominadores, transferida para as elites dirigentes do país. Influenciado pelas ideias de Vandervelde e Massart, *América Latina* baseia-se na dicotomia estabelecida pelos estudiosos europeus entre parasitismo orgânico e parasitismo social na obra *Parasitisme Biologique* e *Parasitisme Social* (1893). Bomfim denuncia que a teoria que prova a superioridade das nações é uma teoria pseudocientífica criada pelos “países superiores” para dominar os “países inferiores”. Define Bomfim:

Voltaram-se, então, os sociólogos do egoísmo e da exploração para a história contemporânea, e encontraram que, no momento – como em todos os tempos, os homens não se apresentavam no mesmo estado de desenvolvimento social e econômico: havia uns mais adiantados do que outros, uns já decaídos, outros ainda na infância; e, sem hesitar, traduziram eles esta desigualdade atual, e as condições históricas do momento, como a expressão do valor absoluto das raças e das gentes – a prova da sua aptidão ou inaptidão para o progresso. A argumentação, a *demonstração científica*, não chega a ser pífida, porque é estulta; mas foi bastante que lhe pudessem dar esse nome de *teoria científica* ou *valor das raças*, para que os exploradores, os fortes do momento, se apegassem a ela.” (...) a teoria deu o seguinte resultado: Vão os “superiores” aos países

Passos para executar o plano de saneamento do Rio. O projeto de urbanização que estava incluído neste projeto ficou conhecido como bota abaixo pois vários prédios velhos e cortiços foram demolidos forçando seus habitantes a viverem na periferia da cidade. Neste cenário, em 1904 ocorreu a “Revolta da Vacina”, movimento contrário à obrigatoriedade da vacinação contra a varíola. Os positivistas, como Rui Barbosa, foram contrários à vacinação obrigatória estimulando indiretamente a ação dos revoltosos. Bomfim percebe como os positivistas, que já tinham sido contra a obrigatoriedade do ensino básico no Brasil, manipulavam os falsos conceitos científicos da época para não lidar com os verdadeiros problemas sociais que enfrentava o país. A terra natal de Bomfim, Aracaju, também foi vista como um foco de doenças e “miasmas”, porém os reais problemas sociais da cidade não foram resolvidos. A elite ilustrada defendia o progresso, contanto que isso não comprometesse os seus privilégios. Simone Kropf, em um estudo comparativo, afirma que Manoel Bomfim e Euclides da Cunha se aproximam pois ambos afirmaram uma discurso questionador da chamada modernização republicana.

¹⁰ Idem, p. 101-796.

onde existem esses “povos inferiores”, organizam-lhe a vida conforme as suas tradições – deles superiores; instituem-se em classe dirigentes, e obrigam os inferiores a trabalhar para sustentá-las (BOMFIM, 2000).

Bomfim revelava, através de sua teoria sobre o parasitismo social, a relação de dominação externa (pelo colonialismo) e interna (pelas elites dirigentes) que sofriam as nações latino-americanas. O parasitismo para Bomfim é a primeira e principal causa para analisar a aparição ou desaparecimento de nações, e assim ele explicava a causa do atraso das nações parasitas coloniais: Espanha e Portugal¹¹. O *parasitismo* destas nações sobre as colônias, baseado na exploração com vistas ao lucro fácil, teria se perpetuado aos colonizados, que terminaram por herdar o caráter parasitário dos colonizadores. Roberto Ventura e Flora Sússekind chamam este raciocínio de Bomfim de “teoria biológica da mais-valia”, e assim analisa Ventura:

Using the notion of parasitism as a starting point, Bomfim created a “biological theory of surplus value”, in which the local elites and the colonial and neo-colonial metropolis are the parasites of the working classes, acquiring for themselves the wealth which the workers produced. By means of this organological conception he attempted to account for the production and appropriation of the value of work, at the internal level of the relations among classes, and in international terms of the links among peripheral countries and imperialist powers (VENTURA, 2000, p. 316)¹².

¹¹ Oliveira e Silva ressalta a importância da diferença entre o parasitismo das nações ibéricas e dos países nórdicos estabelecida por Bomfim. O parasitismo das nações ibéricas era considerado um parasitismo integral diferentemente dos colonizadores nórdicos nos Estados Unidos e Canadá, nestes países, o parasitismo não teria ocorrido de maneira tão intensa, o que possibilitou o sucesso econômico destas nações.

¹² Além do conceito de mais valia, Marx utilizou a metáfora biológica do feto que cresce no útero do capitalismo identificando a revolução social como a “parteira” da história. A metáfora biológica e o conceito de mais-valia seriam uma coincidência de pensamentos de Bomfim e Marx na obra América Latina, pois, segundo Ventura, Bomfim só veio a ler Marx em 1920. No livro Brasil Nação já se encontra a influência das ideias revolucionárias marxistas explicitamente expostas na obra.

O parasita que não trabalha e vive do esforço alheio, nesse caso, o do escravo, sofre consequências negativas, pois se torna preguiçoso e fica para trás na corrida ao progresso das nações¹³. Para os países parasitados a consequência é a construção de uma elite ociosa e conservadora. Em verdade, o *conservantismo essencial* herdado pelo brasileiro parece ser o traço mais assustador da herança colonial. Este conservantismo é essencial por se manifestar, por vezes, inconscientemente e ter um caráter mais afetivo que intelectual. Para Cândido essa seria talvez a mais importante ideia do livro *América Latina* de Bomfim e no artigo *Radicalismos* reconhece a importância da teoria do *conservantismo* do sergipano:

Esta é uma das ideias fundamentais de Manoel Bomfim, talvez a que seja politicamente mais importante do seu livro, e sem dúvida uma das mais fecundas e esclarecedoras para analisar a sociedade brasileira tradicional, assim como as suas sobrevivências até os nossos dias. O brasileiro seria um homem tornado conservador pela herança social e cultural derivada da mentalidade espoliadora da Colônia, baseada no trabalho escravo, pois esta mentalidade pressupunha a continuação indefinida de um *status quo* favorável à oligarquia, já que qualquer alteração poderia comprometer a sua capacidade espoliadora.

Por isso Bomfim afirma que, no Brasil, o caráter parasitário do Estado não mudou com a independência ou com a proclamação da república e o ideário de progresso dos republicanos permaneceu na retórica. Antônio Cândido considera Bomfim um pioneiro ao analisar o caráter das revoluções latino-americanas e assim Cândido se refere ao assunto:

As independências nacionais na América Latina foram exemplo disso segundo Manoel Bomfim, e neste tópico a sua análise é pioneira, tendo sido, ao menos no Brasil, o primeiro e até hoje um dos mais lúcidos e precisos a definir a verdadeira natureza desse fato, tão transfigurado pelo patriotismo. Diz ele que os naturais do país tomaram o poder, mas mantiveram a estrutura colonial, continuando o Estado como corpo estranho imposto de fora, não nascido da realidade e das necessidades locais. Os homens da Independência fizeram constituições liberais de fachada, mas dei-

¹³ Para Aguiar: “Não obstante todas as críticas e discordâncias a respeito, o conceito de parasitismo permitiu a Bomfim desenhar um quadro explicativo sobre a dominação e a apropriação do valor trabalho, seja nas relações entre classes, seja nas relações entre países periféricos (colônias e ex-colônias) e países centrais (metrópoles e potências imperialistas) (307).

xaram a situação inalterada, com escravidão e tudo, destruindo a ilusão dos radicais, que acreditavam nas virtudes da letra das leis.

A discussão sobre as “ideias fora-de-lugar” na obra de Manoel Bomfim adquire um caráter de identidade brasileira baseada em um conservantismo essencial nascido do processo colonial parasitário. Portanto, o parasitismo transmitido aos países latino-americanos foi baseado na escravidão e na posterior criação de um estado “sanguessuga” que só arrecadava impostos e organizava as forças armadas¹⁴. Assim, as sociedades latino-americanas viveriam numa dialética entre a hereditariedade e imitação e a repulsão pela opressão do colonialismo. A análise bomfiniana basea-se numa continuidade Portugal-Brasil para sinalizar os “males de origem” de nossa sociedade e buscar no passado colonial uma explicação para o parasitismo do presente¹⁵.

Ainda que a teoria de Bomfim analisasse a sociedade usando uma metáfora organicista também foi capaz de estabelecer pressupostos sociais. Por isso, sua teoria não está fadada a um determinismo pessimista, pois Bomfim acredita que a sociedade pode ser mudada através da educação¹⁶. Essa ideia foi de grande importância para refletir em como mudar uma sociedade que

¹⁴ Bomfim criticava o governo republicano por um “excessivo” investimento nas forças armadas em detrimento da educação básica. Esta elite representava para Bomfim um conservadorismo que influenciava negativamente o país. Para Antônio Cândido, Bomfim traz uma boa observação sobre os processos revolucionários latino-americanos e afirma: “Manoel Bomfim estabelece então, para os movimentos latino-americanos de independência no começo do século XIX, uma tipologia muito justa e pitoresca, de um extremo ao outro, reconhecendo os seguintes tipos políticos: radicais, que desejavam a alteração essencial do sistema colonial; adiantados, que reconheciam essa necessidade, mas queriam esperar o momento exato, pois são “intransigentes, mas cordatos”; liberais, que querem a liberdade, mas como isto é vago, se acomodam com diversas modalidades de soluções e situações; moderados, que são pacíficos, cautelosos ou neutros, conforme as necessidades; conservadores, que ficam entre os moderados e os reacionários dissimulados; reacionários, que são os irredutíveis, desejando manter tal e qual o estado de coisas”.

¹⁵ André Botelho falando sobre o caráter do estado autocrático do Brasil diz que: “Bomfim vai se referir ao perfil autocrático do Estado, do Estado português no Brasil, como “bragantismo”(7).

¹⁶ Antônio Cândido, como teórico esquerdista, se refere a esta possibilidade de mudança através da educação como uma “panaceia” educativa. O crítico afirma que Bomfim se redime des se posicionamento ao rever esse conceito no livro Brasil Nação, no qual o sergipano fala da necessidade de uma revolução social para a mudança do panorama social. Porém, Conde Aguiar afirma que Bomfim não considerava viável uma revolução social como aconteceu na Rússia por duas razões: “a quase inexistência de uma classe operária no país e o baixíssimo (praticamente inexistente) nível de consciência revolucionária dos setores potencialmente interessados “numa imediata solução comunista” (41).

via a miscigenação como um caráter de inferioridade, e também para pensar no ser “mestiço” como um cidadão. Seria possível obter, através da educação, como sugere Bomfim, a igualdade do Brasil com relação às outras nações e, por conseguinte, a valorização de todos os brasileiros sem distinção de cor e classe social? Essa questão não perdeu a validade nos dias atuais quando o tema educacional toma a cena dos debates relativos às questões raciais no Brasil¹⁷. Bomfim não foi específico pois não estabeleceu uma conexão direta entre igualdade de direitos e educação, porém sinalizou que a “questão da inferioridade racial” era inválida e deveria ser analisada na conjuntura social do país sob uma perspectiva histórica. Enquanto a teoria de inferioridade racial isentava o estado de responsabilidade social, a denúncia de Bomfim vem cobrar medidas relativas ao progresso do país.

É nesse enfrentamento direto contra as teorias em voga na época sobre a inferioridade das raças miscigenadas que se baseia o caráter radical e pioneiro de Manoel Bomfim. Antônio Cândido o chama de radical por ser, ainda que pertencente à camada mais privilegiada da sociedade, capaz de criticar o posicionamento das ideias baseadas em uma ciência formulada a favor das classes dominantes. Segundo Conde Aguiar, a teoria da desigualdade das raças (defendida por Gobineau e Gustave Le Bon) era uma verdade dominante baseada num *suposto científico*. Conde Aguiar, dentro da ideia foucaultniana de relação entre verdade e poder, acredita que Bomfim, ao ir de encontro a essa verdade, “entrou em rota de colisão com um *sistema de poder*, cuja representação simbólica (ou arcabouço ideológico) apoiava-se justamente no *regime de verdade* da sociedade em que vivia”(49).

No âmbito intelectual, Bomfim foi alvo de críticas de Sílvio Romero, que tinha grande prestígio na época e acabou publicando um livro de título homônimo ao *América Latina* de Bomfim¹⁸. Além de corrigir erros grama-

¹⁷ Esta discussão é bastante pertinente para os dias atuais no Brasil devido à polêmica provocada pela adoção do sistema de quotas principalmente no que tange à consideração do passado histórico-social brasileiro diferente dos países de colonização baseada na segregação, como é o caso dos Estados Unidos.

¹⁸ O *América Latina*, Análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim de Sílvio Romero é a reunião de 25 artigos hostis à obra de Bomfim. Bomfim recusou polemizar com Romero só se manifestando com uma carta à revista *Kronos*. Romero associava o atraso da nação às questões raciais e acreditava na miscigenação regenerativa através de um plano de embraquecimento do país. Sílvio Romero que considerava a colonização portuguesa relativamente “branda”, criticou a ideia de parasitismo integral da corte portuguesa no Brasil. Para Romero, estas ideias eram uma cópia infeliz das ideias de Oliveira Martins sobre a relação de Portugal com as suas colônias.

taicais e galicismos, Sílvio Romero baseou sua crítica na restrita fonte de pesquisa de Bomfim. A maioria das ideias, segundo Romero, eram uma apropriação de Rocha Pombo e Oliveira Martins. Sílvio Romero, que acreditava na teoria “científica” de superioridade das raças, não restringiu sua crítica às fontes como também acusou Bomfim de pregador de um “morenismo” e um “socialismo bastardo”¹⁹.

Além disso, Bomfim discordava da maioria dos liberais brasileiros da época (incluindo Romero, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa) quanto à política do pan-americanismo desenvolvida pelos Estados Unidos. Neste aspecto, Bomfim abre um diálogo com outros escritores da América Latina, como Rodó (que via os Estados Unidos como uma ameaça a América Latina com seu imperialismo), José Ingenieros e Ugarte. Esse é o panorama que permite uma consciência latino-americana e o diálogo entre Manoel Bomfim e os escritores latino-americanos. Sobre esse novo panorama latino-americano suscetível à troca de ideias, Flora Süssekind argumenta:

São, pois, o movimento da neocolonização, agora sob o controle norte-americano, a experiência de uma instabilidade político-financeira estrutural, acompanhados de uma espécie de exarcebamento da sensação de fracasso, que parecem impulsionar, paradoxalmente, a auto-análise, as interpretações continentais, a investigação dos seus elementos constitutivos, da sua formação e da sua diferença cultural, assim como a intensificação de uma consciência latino-americana (SÜSSEKIND, 2000, p. 613).

Bomfim vai dialogar com vários outros escritores da América Latina também divergindo de suas ideias. Confrontando as ideias de Sarmiento, Octavio Bunge e Alberdi, por exemplo, sobre a inferioridade das raças indígenas e negras e da mestiçagem, ele replica com uma argumentação elucidatória:

¹⁹ Rocha Pombo em seu livro *Compêndio da história da América* (1900), disputou em um concurso a chance de ser adotado nos cursos de História da América da Escola Normal. O livro obteve o parecer favorável de Manoel Bomfim e parece ter o influenciado para a formação de uma consciência latino-americana. *O História de Portugal* de Oliveira Martins, segundo Cândido, influenciou na “ideia calamitosa da descendência ibérica”. O uso de ambos autores, obscuros e esquecidos, mostram o caráter “caótico” das referências de leitura de Manoel Bomfim.

As opiniões neste sentido se baseiam numa analogia que se quer estabelecer entre a mestiçagem no homem e os cruzamentos de espécies animais diferentes, cruzamentos que fazem aparecer alguns caracteres considerados como ancestrais e regressivos (...) Não se vê, nos mestiços, nenhum traço fisionômico especial, novo, nenhuma modificação orgânica particular, que possa ser considerada como uma regressão ancestral. Como, então, admitir que deva haver forçosamente uma regressão moral e intelectual – quando, no entanto, o cruzamento se faz, não entre espécies diferentes, mas entre raças diversas, e quando, mesmo no caso dos animais (onde há a regressão física), não existe a regressão intelectual?...

Bomfim afirma que a condenação da mestiçagem por teóricos como Sarmiento origina-se desde uma analogia existente entre reprodução animal de espécies diferentes e a mestiçagem de seres humanos. Além de tentar destruir o caráter pseudocientífico das ideias de mestiçagem, Bomfim percebe a estratégia discursiva deste ideário. Por exemplo, ao observar o uso da palavra “mulato” (clara referência à “mula”, mistura de asno e cavalo), percebe-se aí uma similaridade discursiva tendenciosa e formadora de conceitos raciais. Assim Bomfim reflete o uso de um ardil discursivo que manuseia um valor linguístico e tenta torná-lo científico para falar sobre a inferiorização da mestiçagem. Flora Süssekind comenta esta análise de Bomfim:

Pois aí a valorização dos “dolicocéfalos” se basearia, segundo Manoel Bomfim, na confusão entre “parentesco idiomático” e “filiação de sangue”, na passagem de um “valor linguístico” a “critério científico”. É, pois, por meio de uma espécie de cruzamento discursivo, de método híbrido, que Bomfim abre espaço para a diferença étnica, para o conflito cultural, e desarma a condenação aos cruzamentos raciais (BOMFIM, 2000, p.615).

Ainda que não consiga estabelecer um conceito definido e mais detalhado sobre mestiçagem, Bomfim consegue sinalizar as discussões modernas sobre o conceito de legibilidade do corpo. É patente a construção de uma discursividade para representar a mestiçagem latino-americana e, dentro deste sistema de discursivo, uma grande gama de denominações que se articulam dentro de um sistema de dominação. A partir desta ideia, Jeromy Branche explica o conceito de “sintaxe da subpessoa” e contribui para esclarecer este sistema afirmando:

(...) in Latin America, we find the colonial power of naming and its panoptical gaze producing a vocabulary of difference as a strategy of domination. This physiognomic rationale would operate on the

premise that the body is legible and subject to diagnosis, constituting a textuality that attests to the binary of superiority and inferiority according to various rubrics of social, moral, and ethical worth. (BRACHE, 2006, p. 82)

Ainda que não tenha tentado renunciar a ideia de raça e da possibilidade de diagnóstico do corpo pela visão de sua coloração, Bomfim já percebe a existência do jogo linguístico dentro de um panorama de poder e dominação social. Dentro desse jogo linguístico que associa a América Latina ao ser miscigenado, Bomfim não consegue, e nem pretende, dissociar o sistema de raça com o de nação. Segundo Fernández Bravo²⁰, este é um dos grandes problemas do “americanismo crítico” na refutação das teorias de inferioridade racial latino-americana:

La categoría de raza, asociada no con la nación sino con una entidad más compleja y abarcadora – América Latina o América Hispánica – subsiste como la prueba más persistente de la dificultad para elaborar una contranarrativa eficaz para responder a las teorías de la inferioridad racial latinoamericana. (74)

Bomfim usou a estrutura argumentativa do “dominador” para estabelecer as bases americanistas de sua primeira obra. A consciência do termo veio somente aparecer no livro *Brasil Nação*, onde o autor vê o termo América Latina como uma “designação geográfica” e não como representação de uma identidade, como bem constata Conde Aguiar²¹.

Quase apagado no rol dos pensadores brasileiros, Bomfim foi de grande importância para implementar as bases da teoria sobre a constituição da família brasileira representada por Gilberto Freyre em *Casa-Grande e Senzala*. Ouso afirmar que a análise de Gilberto Freyre, além de outros problemas, falha mais gravemente nos pontos em que rechaçou os de

²⁰ Este crítico argentino fez uma comparação entre Manoel Bomfim e Carlos Octavio Bunge em que atesta que ambos autores falam em superar uma hibridez e restituir uma pureza corrompida. (63) Isso parece uma generalização errônea fruto do afã comparativo do autor. Bomfim nunca se referiu a restituir uma pureza corrompida e, na verdade, estabelece sua obra desde uma perspectiva laudatória aos potenciais da mestiçagem. Além disso, Bravo nem sequer faz menção à crítica direta que Bomfim fez a Bunge no livro *América Latina*.

²¹ Conde Aguiar argumenta que: “Em *O Brasil na América*, Bomfim defendeu a tese (certamente polêmica) de que a expressão América Latina não passava mesmo de uma “designação geográfica”, um conceito puramente mental ou teórico, pois existiam, segundo ele, mais diferenças que prováveis identidades histórico-culturais e políticas entre a nação brasileira

Bomfim²². Fica aqui a pergunta, por que Bomfim permaneceu no ostracismo se apresentou ideias bastante importantes para a compreensão da sociedade “miscigenada” brasileira? Para Antônio Cândido, diferentemente de Freyre, Bomfim construiu um discurso que confrontava diretamente o sistema político da época. Mas, além disso, se enclausurou dentro de uma linguagem que usava as ideias que pretendia derrubar. Segundo Flora Süssekind seu texto ficou na obscuridade pelo caráter ambíguo e contraditório, pois, ao mesmo tempo em que tenta pôr por terra os conceitos do biologismo aplicado à sociologia, os aplica ao seu sistema de análise social²³. Baseando-se no mesmo corpo teórico em que se baseiam as teorias de inferioridade de raças, Bomfim rebate a utilização da teoria de seleção natural da espécie através de sua própria análise. Após dedicar um parágrafo inteiro à transcrição de um texto de Darwin sobre uma comunidade mestiça, Bomfim arremata dizendo: “Como se vê, Darwin, que só estudava os fatos sob o ponto de vista de naturalista, e só procurava conhecer os “efeitos naturais” dos cruzamentos, é forçado a reconhecer que esse estado de degradação dos mestiços tem uma causa moral-social” (117). Bomfim demonstrou o erro dos evolucionistas em transplantar as teorias de Darwin

e os demais povos do continente (...) no fundo, Manoel Bomfim tinha consciência de que o uso generalizado da expressão América Latina convertera-se num ardil ideológico das elites que, associadas aos interesses neocoloniais das ex-metrópoles europeias, procuravam igualar nações heterogêneas, de modo a amesquinhá-las com unidades nacionais soberanas” (304).

²² Primeiro, Freyre minimiza a influência do índio na cultura brasileira e critica Bomfim pela sua simpatia em excesso pelos indígenas. Freyre se refere a Bomfim como “indianófilo até a raiz dos cabelos”. (Casa Grande e Senzala, 167) Para Freyre, Bomfim teria dado importância excessiva relevância às contribuições dos índios na agricultura. Freyre vai de encontro também à sugestão de Bomfim de uma possível mestiçagem entre a mulher branca e o homem negro. Esta visão de Bomfim entra em conflito com a de Freyre, pois, segundo Joshua Lund, o texto freyriano é uma tentativa de construção de um discurso normativo baseado na mestiçagem do homem branco com a mulher de cor. De acordo com Lund, o texto freyriano converte: “the normative discourse of national family into a self-evident, naturalized configuration of social relations... [a] normative discourse that couples white men to brown women” (134).

²³ Flora Süssekind fala de uma rede metafórica estabelecida para criticar as teorias evolucionistas e racistas mas ainda ancorada nestas: “[Há] uma rede metafórica de relações parasitárias que, se apontam para “efeitos econômicos” e uma ordem histórico-social, se ancoram, ainda na hereditariedade, no biológico e na noção de caráter nacional” (629).

ao âmbito sociológico, porém construiu um texto que usa uma metáfora biológica e está repleto de citações e referências a estes evolucionistas²⁴.

Com as palavras de Roberto Ventura sobre Bomfim, pode-se entrever os efeitos dessa ambiguidade na obra *América Latina* do sergipano:

Bomfim was unable to create a new conceptual system or a new interpretative language capable of moving beyond an organological approach. He based his work, in contrast, on biological categories including the notion of parasitism, which was used metaphorically. His historic-social stance is thus profoundly ambiguous because of its simultaneous criticism and use of a biological and organological approach as a starting point from which an historical theory of the appropriation of the value of work is proposed. (322)

Talvez pelo fato de apresentar estas simultâneas referências construídas entre o biológico e o histórico-social, Bomfim escreveu um texto prolixo, redundante e sem acessibilidade ao leitor. Por outro lado, conseguiu estabelecer seu texto em um patamar diferenciado dos cientificistas da época pelo seu tom pessoal. Já na advertência de *América Latina*, Bomfim afirma esse caráter apaixonado de sua escrita e admite: “(...) prefiro dizer o que penso, com a paixão que o assunto me inspira, paixão que nem sempre é cegueira, nem impede o rigor da lógica” (631)²⁵. Bomfim se inclui como um sujeito no texto e se identifica com a “América Latina mestiça” que ele pretende defender. Em primeira pessoa, diz Bomfim: “Acusam-nos, aos mestiços – de cruéis, pérfidos... (...) relativamente os mestiços são uns santos” (119). Bomfim destrói o caráter neutro do discurso cientificista dos fins do século XIX e princípio do século XX e trai um caráter irônico de efeito positivo para a sua escrita. Para Roberto Ventura, o tom irônico e satírico é perfeito para a ob-

²⁴ Para Ventura, que defende a posição de Bomfim desde uma perspectiva esquerdista, Marx e Engels também viram a teoria da evolução das espécies inválida para ser aplicada aos homens. A humanidade para Marx e Engels não é regida pelas teorias de Darwin mas sim pela luta de classes. Por sua vez, Antônio Cândido associa a renúncia da teoria da evolução das espécies de Bomfim ao conceito de Kropotkin na crença em um “auxílio mútuo”.

²⁵ Tanto Rebecca Gontijo, como Simone Kropf salientam esse caráter neutro adverso ao discurso cientificista da época. Gontijo também faz uma análise de Manoel Bomfim como um homem que tinha consciência que a história não é escrita de maneira neutra. Gontijo diz que um bom historiador para Manoel Bomfim: “seria aquele que valorizasse a tradição brasileira (sendo brasileiro ou não), enaltecendo-a de acordo com certo rigor investigativo. Também seria aquele que fosse capaz de reconhecer que a escrita da história era movida por interesses e paixões dos quais não era possível escapar”.

jetivo que Bomfim se propôs: “*This tone of vehemence and passion gave a picturesque quality to his writing, in which Brazil’s colonial past and its political independence are seen through an ironic and satirical standpoint*”. (321)

Como bem percebeu Flora Süssekind, a linguagem ensaística de Bomfim era metaforicamente mestiça como a personalidade latino-americana que ele defendeu. Diferentemente de Freyre, Manoel Bomfim não percebeu que para mudar ideias é preciso também mudar a linguagem e sua grande armadilha foi usar a linguagem e a metáfora científica para corroborar um novo sistema de pensamento que tentou defender. Falar do novo com ferramentas velhas foi a forma mestiça do ensaio de Bomfim. Manoel Bomfim é um exemplo do que Pound chamaria de escritor inventor no âmbito das ideias ao sinalizar os discursos que viriam construir uma identidade brasileira sob o signo da miscigenação proporcionando novos debates e acercamentos teóricos sobre o tema. Ainda que procurando abarcar a identidade brasileira em um rótulo latino-americano, o intelectual sergipano logrou entrever com paixão os componentes contraditórios e ambivalentes da construção discursiva do entre-lugar brasileiro e serviu como um trampolim, deixado em um ponto esquecido, ao salto de ideias para o século XX e XXI.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

BAKHTIN, Michael. *The Dialogic Imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.

BRANCHE, Jerome C. "Slavery and the Syntax of Subpersonhood" *Colonialism and Race in Luso-Hispanic Literature*. Columbia: University of Missouri Press, 2006.

BOMFIM, Manoel. "A América Latina: Males de origem". Silviano Santiago (org.) *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. Vol. 1. 609-25.

BOTELHO, André. "Manoel Bomfim e o Estado Autocrático Brasileiro: Apontamentos para uma Agenda de Pesquisa" 15 Dec. 2008. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/31/col_andre_31.pdf>

CÂNDIDO, Antônio. "Radicalismos". *Estudos avançados 1990*, vol. 4, no. 8 [citado 2008-12-10]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100002&lng=pt&nrm=iso>

CHAMBERS, Sarah C. *Letter and Salons: Women Reading and Writing the Nation. Beyond Imagined Communities: Reading and Writing the Nation in Nineteenth-Century Latin America / edited by Sara Castro-Klarén and John Charles Chasteen*. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press; Baltimore: Johns Hopkins University Press, c2003.

DE LA CADENA, Marisol. 2005. "Are Mestizos Hybrids? The Conceptual Politics of Andean Identities", *Journal of Latin American Studies* 37: 259-284.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONTIJO, Rebecca. "Manoel Bomfim: "pensador da história" na Primeira República". *Revista Brasileira de História*, 2003, v. 23, n. 45 10 Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100006&script=sci_arttext>

GRMSCI, Antonio. *La formación de los intelectuales*. México: Grimaldo, 1967.

KROPF, Simone Petraglia "Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: Vozes Dissonantes ao Horizontes do Progresso". *Hist. cienc. saude-Manguinhos* 1996, v. 3, n. 1 10 Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459701996000100006>

LUND, Joshua. *The Impure Imagination: toward a critical hybridity in Latin American writing*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

MILLER, Marilyn Grace. *Rise and Fall of the Cosmic Race : The Cult of Mestizaje in Latin America*. Austin, TX, USA: University of Texas Press, 2004. Disponível em: <<http://site.ebrary.com/lib/brooklyn/Doc?id=10217892&ppg=126>>

OLIVEIRA E SILVA, José Maria. *Manoel Bomfim e a obra América Latina: dialética entre passado e presente* 10 Dec. 2008. Disponível em:<http://hpopnet.sites.uol.com.br/conferencia_zem.pdf>

SÜSSEKIND, Flora. “Introdução a América Latina: Males de origem”. *Intérpretes do Brasil*. SILVIANO Santiago (org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. Vol. 1. 609-25.

VENTURA, Roberto. “Manoel Bomfim: The State and Elites Seen as Parasites of the People-Nation”. *Portuguese Literary and cultural studies, Brazil* 2001 Spring /Fall 2000.

YOUNG, Robert. “Deseo colonial, hibridismo en la teoría, la cultura y la raza” *Nerter* Invierno 2000-2001.

RESUMO

No século XIX quando estavam em voga as teorias positivistas e darwinistas sobre raça e determinismo geográfico, o ensaísta sergipano Manoel Bomfim proporcionou em sua obra *América Latina: Males de Origem* (1905) uma revisão historiográfica que refutava a idéia de inferioridade das raças. Utilizando a teoria de “hibridismo conceitual” de Marisol de La Cadena, este trabalho pretende demonstrar o pioneirismo de Bomfim na análise sociológica sobre a mestiçagem latino-americana. Bomfim denuncia que a idéia de superioridade das nações é uma teoria pseudo-científica criada pelos “países superiores” para dominar os “países inferiores.” Desta forma, Manoel Bomfim descarta a mestiçagem de caráter degenerativo e estabelece uma perspectiva sociológica usando a metáfora do conceito do parasitismo social para explicar os problemas latino-americanos. O trabalho também pretende conjecturar por que Manoel Bomfim ficou na obscuridade analisando seu discurso mestiço (Süssekind) que aplicava termos do biologismo que ele mesmo criticava.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel Bomfim. Hibridismo. América Latina. Positivismo. Racismo. Mestiçagem.

ABSTRACT

When Darwinian and positivist theories on race and geographic determinism prevailed in the nineteenth century, the Brazilian essayist Manoel Bomfim published *América Latina: Males de Origem* (1905), a historiographical work refuting the idea of inferiority of races. Using Marisol de la Cadena’s theory of “conceptual hybridity”, this paper will discuss the originality of Bomfim’s sociological ideas on Latin American mestizaje. Bomfim considered the positivist idea of “superiority of nations” as a pseudo-scientific theory created by the “developed countries” to dominate “undeveloped countries”. Thus, Manoel Bomfim rejects the degenerative idea of mestizaje and establishes a sociological perspective using the metaphor of parasitism to explain the social problems of Latin America. The work also intends offer answers on why Manoel Bomfim’s work fell into obscurity by its use of the very same biological metaphors he tried to refute.

KEYWORDS: Manoel Bomfim. Hybridity. América Latina. Positivism. Racism. Mestizaje.